

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

EQUIPE DE 1ª SÉRIE DO INES/SECAF

Elaine da Rocha Baptista¹

Aquisição de língua portuguesa escrita como segunda língua

O trabalho que realizamos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) tem como base a abordagem sociointeracionista de aprendizagem em que o conhecimento é uma construção social compartilhada entre sujeitos por meio da língua. Portanto, todas as nossas atividades de leitura/escrita se pautam na função comunicativa da linguagem, onde:

- Ler é “saber-se envolvido em uma interação com alguém em um momento sociohistórico específico e que o escritor, como qualquer interlocutor, usa a linguagem a partir de um lugar social marcado. Ler é se envolver em uma prática social.” (Moita Lopes, 1995)
- “A escrita difere do discurso oral pois pressupõe um interlocutor ausente ou o próprio autor (lembretes, agendas, diários, p. ex.).” (Souza, 1997)
- “A escrita deve ter como objetivo essencial o fato de alguém ler o que está escrito.” (Cagliari, 1995).

Acreditando que a língua de sinais é a primeira língua do aprendiz surdo e que, por meio dela, se constrói sua identidade e leitura do mundo, abordamos o ensino de língua portuguesa como segunda língua, nas habilidades de leitura e escrita e, coerentes com a visão de aprendizagem defendida acima, desenvolvemos nosso trabalho por projetos dentro de um enfoque interdisciplinar. Ressaltamos que as bases teóricas deste estudo encontram-se em consonância com diversos estudos sobre aquisição de linguagem por surdos e com os Parâmetros Curriculares do MEC.

“A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados

¹Professora do Ensino Fundamental do INES, Fonoaudióloga, Pós-Graduada em Patologias da Linguagem pela UNESA

culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmos.” (PCN de Língua Portuguesa, 1998: 24)

“A convivência entre comunidades locais e imigrantes ou indígenas pode ser um critério para a inclusão de determinada língua no currículo escolar. Justifica-se pelas relações envolvidas nessa convivência: as relações culturais, afetivas e de parentesco. Por outro lado, em comunidades indígenas e em comunidades de surdos, nas quais a língua materna não é o português, justifica-se o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua.” (PCN de Língua Estrangeira, 1998:23)

Esta perspectiva norteia os objetivos curriculares que propomos, a organização dos conteúdos e os procedimentos metodológicos em torno de três tipos de conhecimento: o conhecimento de mundo que se refere a experiências de vida, informações armazenadas na memória, sendo compartilhado, em sala de aula, entre professor x aluno, aluno x aluno e construído mediado pela língua de sinais (LS); o conhecimento de organização textual que engloba os diferentes tipos de textos orais e escritos; e o conhecimento sistêmico que são os diferentes níveis de organização do sistema lingüístico: lexical, morfológico, sintático e fonético-fonológico (Freire, 1998). Estes conhecimentos preparam o aluno para atuar como sujeito por meio do discurso.

É importante lembrar o papel do monitor que, atuando junto ao professor no contexto escolar, representa o modelo de indivíduo surdo, com uma visão diferente do mundo e com estratégias próprias de aprendizagem em LS.



Monitor Paulo André atuando junto à professora.

Construindo este conhecimento a cinco anos, a equipe da 1ª série, ao longo deste percurso, com o incentivo do INES, buscou consultorias importantes como Carlos Skliar (UFRGS), Alice Freire (UFRJ) e Regina de Souza (UNICAMP) e avaliando nosso trabalho ao final do ano letivo, verificamos alguns resultados positivos:

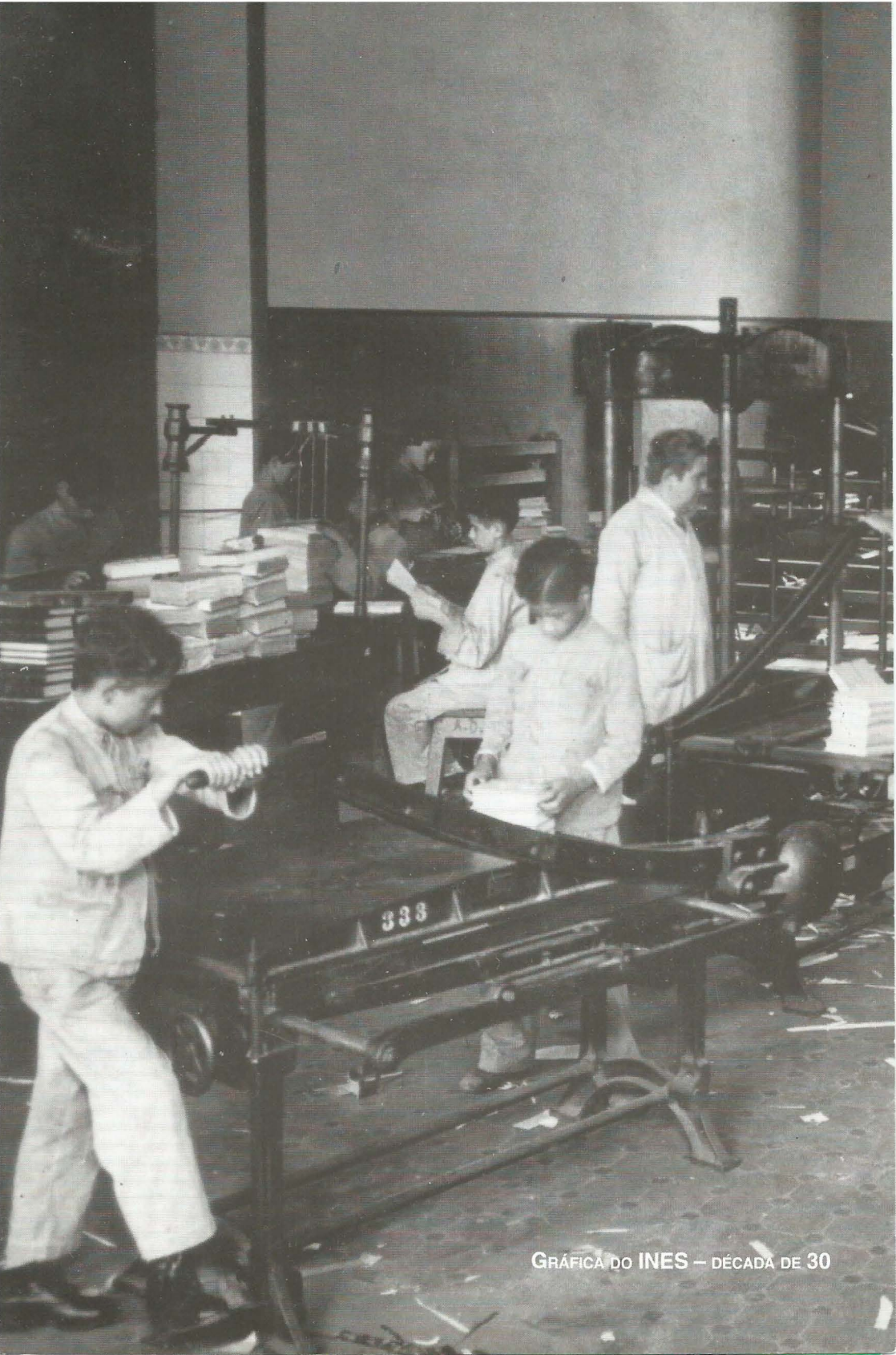
- alunos mais participativos no processo educativo;
- alunos tentando utilizar a LP escrita, de acordo com seu nível, para se comunicar;
- alunos produzindo textos com elementos próprios da língua escrita;
- alunos curiosos sobre o mundo que o cerca;
- leitura mais significativa;
- alunos com maiores leituras de mundo; e
- alunos construindo uma identidade surda.

Com uma postura de “pesquisar” a nossa própria prática ainda buscamos respostas a muitas perguntas, pois também estamos em processo de construção de um conhecimento novo, com o objetivo principal de possibilitar, ao aluno surdo, o direito a uma educação de qualidade.

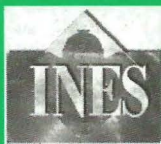
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MOITA LOPES, L.P. *Oficina de Lingüística Aplicada*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.
- CAGLIARI, L.C. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Ed. Scipione, 1997.
- VIGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto, 1979.
- SVARTHOLM, K. *Second Language Learning*. In: *Bilingualism in Deaf Education* (Eds. Inger Ahlgren & Kenneth Hyltenstam), Hamburg: Signum – Verl., 1994.
- FREIRE, A. M. da F. Aquisição de português como segunda língua: uma proposta de currículo. *Espaço*. Rio de Janeiro, n.9, p. 46-52, 1998.
- CONTARATO, A. L. V. & BAPTISTA, E. R. Diversidade textual no ensino de língua portuguesa escrita como segunda língua para surdos. *Espaço*. Rio de Janeiro, n.9, p. 67-70, 1998.
- SOUZA, R. M. *A Escrita das Diferenças*. In: *Anais do Seminário: Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngüe para Surdos*, INES., Rio de Janeiro, 1997.
- Parâmetros Curriculares Nacionais (Educação Infantil), MEC, 1998.
- Parâmetros Curriculares Nacionais (Língua Portuguesa), MEC, 1998.

Editoração, Fotolito e Impressão
SKILL LINE



**GOVERNO
FEDERAL**
Trabalhando em todo o Brasil



**MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO**
BOA ESCOLA PARA TODOS